



JUST IN “TIME!” OU JUST IN “CASE?”

A volatilidade dos preços que afligiu as cadeias produtivas durante todo o ano passado, fomentada pelo efeito da inflação global, pela escassez na disponibilidade e trânsito dos insumos por causa dos gargalos logísticos, e pela exagerada desvalorização cambial (sobretudo no Brasil), deve continuar a pressionar nossa indústria de alimentação animal ao longo do ano corrente.

Os empreendedores reconhecem o sucesso do sistema prevalente de troca de mercadorias, sustentado na globalização, com produção de um lado do planeta e consumo noutra extremo. No entanto, é flagrante observar razoável debilidade e limitada flexibilidade desse modelo frente às variantes persistentes do coronavírus, justificadas pela ociosidade das fábricas e até interrupção das linhas de fabricação.

Até pouco tempo, o ambiente global parecia relativamente pouco afetado pelas adversidades de toda natureza, circunstância que permitiu otimizar a capacidade fabril, que, impulsionada pelo fenômeno das cadeias globais de valor, resultou na adoção generalizada da gestão nos estoques para abastecimento “just in time”, e dependente de uma debilitada rede de navios projetada para permanecer sincronizada à capacidade dos modais, marítimos/fluviiais, ferroviários e rodoviários.

Contudo, o consagrado modelo mencionado parece ter falhado frente às intercorrências determinadas pela pandemia da Covid-19 (lockdowns, isolamento social, etc.) e pelas adversidades desse cenário contemporâneo, caracterizado pela demanda imprevisível, bloqueios intermitentes na produção e no trânsito de mercadorias, terminais portuários ociosos, e sobretudo, escassez de contêineres que levaram o preço do frete aos patamares proibitivos, já que o controle do setor de transporte marítimo global está concentrado em poucos armadores que cooperam, entre si, tanto no compartilhamento dos navios como nas rotas.

À título de ilustração, ainda no segundo semestre do ano passado, a importação de aditivos para alimentação animal originários da China pagou pelo frete de um contêiner de 20 pés, até seis vezes mais em dólares do que tradicionalmente, e no caso das mercadorias de menor valor agregado, a despesa representou mais da metade do valor delas. Apesar do esforço para desembolso do montante abusivo, muitos importadores e embarcadores não conseguiram concluir as transações e abastecer os respectivos clientes por causa da for-

te disputa com outros demandadores e porque faltavam contêineres para acomodação das cargas.

A parada forçada ou mesmo a diminuição do ritmo das fábricas por racionamento no abastecimento ou até falta da energia, causados pelo compromisso firmado para intensificar a transição da matriz energética de origem fóssil (petróleo, carvão, gás) para aquela renovável (fotovoltaica, eólica, hidrogênio verde), além da política sanitária chinesa de “tolerância zero” para prevenção da transmissão do vírus, constituem outros fatores que continuam inflacionando os custos da alimentação animal e, consequentemente, da proteína produzida (carnes de aves, suína, bovina, ovos, leite, peixes, camarões, etc.).

Esses efeitos afligem também os agricultores que vêm envidando esforços para antecipação das compras dos fertilizantes e defensivos com intuito de constituir suficiente estoque e, assim, assegurar a produtividade das lavouras de cana de açúcar, café, etc., e principalmente do milho e da soja, grãos que tanto interessam à cadeia produtiva pecuária.

Tomara que os esforços públicos/privados conjuntos encontrem convergência nas ações de mitigação da quase total dependência de suprimento externo, uma vez que o Brasil importa da China, Índia e Rússia praticamente 76% das matérias-primas para fertilizantes (Brasil depende de 96% no caso do potássio e aproximadamente 80% e 60% no caso dos nitrogenados e fosfatados, respectivamente), afóra os defensivos agrícolas e toda a necessidade de vitaminas, aminoácidos (exceto lisina) e tantos outros aditivos de inclusão compulsória na alimentação animal.

Importante discutir com profundidade a viabilidade e as possíveis alternativas em oferecer incentivos para atração de investimentos voltados à síntese local de insumos químicos e incremento no parque industrial já instalado de biossíntese fermentativa, atividades especializadas e caracterizadas por grande conteúdo tecnológico e de alto valor agregado. ■

A VOLATILIDADE DOS PREÇOS QUE AFLIGIU AS CADEIAS PRODUTIVAS DURANTE TODO O ANO PASSADO DEVE CONTINUAR A PRESSIONAR NOSSA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO ANIMAL AO LONGO DO ANO CORRENTE



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA